

Perfumado a lirismo, 'Luas de Há Muito Sóis' é um ensaio sobre desatenções

Por: Rodrigo Fonseca – Estadão

Confinadas num Tempo sem tempo, medido a rugas que escorrem de rostos outrora regidos pelo viço, **Flornela, Evelina e Gilda**, protagonistas da peça teatral *Luas de Há Muito Sóis*, em cartaz até 20 de novembro, às 20h, no **CCBB-RJ**, refugiam-se no Passado a garimpar o único alimento capaz de nutrir as feridas da alma: a memória. São irmãs essas três velhas senhoras, decalcadas de um conto do moçambicano **Mia Couto** que nos serve de memória para nossas desatenções com o tudo o que se harmoniza com cheiro de chuva e de folha verde, na febre do mormaço ou no arejamento da brisa. É um trio que perdeu à vista tudo aquilo o que nós perdemos à prestação: a chance de fruir das miudezas do mundo, enquanto se alimentam de um sonho romântico. Por isso, o deslizamento estabelecido pelo diretor **Moncho Rodriguez** entre a prosa de Mia e o palco de suas três enfeitçantes atrizes – **Marina Duarte, Natascha Falcão e Priscila Danny** – faz fronteira dentro de si mesmo, dividindo sua representação da vida entre dois hemisférios. De um lado está a velhice, enrugada a rancor e a consternação. Do outro, está o ontem e o antes de ontem, perfumado a hipóteses e carimbado com sangue de menstruação – representado num gestual de fios vermelhos e pétalas de rosa dos mais lúdicos do teatro brasileiro recente. Ambas essas metades se integram na mesma laranja: uma caverna cítrica onde o mito residente não é o de Platão e sim o do Querer. Três mulheres querem amar. Mas o Amor é uma palavra pra quem sabe dar valor. E valor demanda risco. E o risco, rabisco. Um rabisco chamado tentar e outro chamado enxergar – verbos que ali, nenhuma delas consegue conjugar na primeira do singular. Há uma música ao fundo, ganindo como se fosse vento nos galhos, composta por **Narciso Fernandes**, que embala a ladainha da trindade anciã e os assobios de perseverança delas em seus dias de primavera. Cada acorde chega acompanhado de uma frase digna de anotação, tipo “No pôr do sol do meu ninho, os pássaros tingem o mundo de carmim”, que fazem dos diálogos uma pequena aula de poesia explicada a nossos ouvidos ressacados por ruídos de Whatsapp. Estamos diante de um registro de teatralidade que tira carregos com a mesma potência com que o seminal show cênico *Aué*, da **Barca dos Corações Partidos**, maculou nossa inércia no início deste ano. São exercícios de resistência de um bicho chamado Lirismo, hoje ameaçado de extinção.

Não perde essa peça não.

CRÍTICA: LUAS DE HÁ MUITO SÓIS

Por: André Lamare – Woo Magazine

O espetáculo '*Luas de Há Muito Sóis*' é baseado no conto "*As três irmãs*", do escritor moçambicano Mia Couto, e resulta de uma residência artística feita em Portugal com o diretor Moncho Rodriguez.

A peça usa máscaras e linguagem poética para relatar as fases da mulher (moça, mulher e velha) em alusão às fases da lua, onde Evelina, Flornela e Gilda são crescente, cheia e minguante, respectivamente.

Filhas do viúvo Rosaldo, as três crescem isoladas do mundo como propriedades exclusivas do pai. Entretanto, a chegada de um jovem forasteiro desestrutura a realidade da família. O conto dá lugar à jornada de três velhas irmãs que viajam num espaço tempo encantado em busca das portas do mundo, de si mesmas e de um destino mais amoroso.

Segundo Moncho Rodriguez, “Três mulheres, três vultos de aves velhas, três agouros, três desejos, três irmãs juntas e desencontradas, o espetáculo é um mergulho, com final surpreendente, nas profundezas e imaginários fantásticos do universo feminino”.

Apresentado pela primeira vez no **Festival 22º Janeiro de Grandes Espetáculos**, em Recife (PE), em janeiro de 2016, o espetáculo da Cia Nina recebeu sete indicações ao Prêmio Apacepe de Teatro: Melhor Espetáculo Adulto, Melhor Diretor, Melhor Trilha Sonora, Melhor Atriz (Marina Duarte), Melhor Figurino, Melhor Iluminação e Melhor Atriz Coadjuvante para Natascha Falcão, que venceu em sua categoria.

Com cenário relativamente simples, um boneco sentado com uma tenda sobre ele, o espetáculo se baseia em jogos de luzes para definição de cada parte da história. Esse cenário se completa com o figurino, também criado pelo diretor Moncho Rodriguez, com vestidos volumosos e desgastados, que nos mostra todas as angústias vividas de cada etapa da trama.

As máscaras feitas de meias e de linhas compõem muito bem o figurino, nos dando uma visão para essas personagens de senhoras desgastadas pelo vazio do deserto e principalmente pelo vazio humano.

Estruturando as cenas, vemos objetos cênicos que pontuam as personalidades de cada personagem, como a panela, novelos de lã e cestos.

A direção de Moncho Rodriguez cumpriu bem seu papel na história, sem muitas novidades apresentadas.

O elenco composto por Marina Duarte, Natascha Falcão e Priscila Danny, nos mostrou um bom entrosamento cênico e cada uma com uma propriedade muito grande de cada personagem apresentado.

Podemos destacar a trilha sonora de Narciso Fernandes, que foi construída, e muito bem por sinal, para pontuar cada momento do espetáculo, e no universo de cada personagem, bem como suas partituras de gestos e intenções.

Fiquem ligados nas próximas apresentações do espetáculo que teve sua temporada no Rio de Janeiro prorrogada. Mas, depois a peça deve seguir pelo Brasil, procurem ‘Luas de Há Muito Sóis’ nas redes sociais e bom divertimento.

Crítica: Luas de Há Muito Sóis – CCBB

Por: Renato Mello – Botequim Cultural

Causa-me encanto como a prosódia da língua portuguesa molda-se à diversas possibilidades a partir da junção de diferentes matizes para gerar um resultado híbrido.

Um diretor espanhol com sólida residência artística em Portugal, escritor moçambicano que inunda uma oralidade ancestral por seus textos, levados ao palco por três atrizes que discorrem o falar nordestino como um canto poético, para fazer de “**Luas de há Muito Sóis**” um espetáculo de alta dimensão artística.

“**Luas de Há Muitos Sóis**” é uma produção originária de Pernambuco e se apresenta atualmente no Rio de Janeiro na programação do Teatro II do CCBB até o dia 20 de novembro.

Com direção de **Moncho Rodriguez**, “**Luas de Há Muitos Sóis**” é uma adaptação do conto “*As Três Irmãs*” de **Mia Couto** e conta a história de “*Evelina, Flornela e Gilda: crescente, cheia e minguante. Filhas do viúvo Rosaldo, as três crescem isoladas do mundo como propriedades exclusivas do pai. Entretanto, tudo se desestrutura com a chegada de um jovem forasteiro.*”

Três irmãs, três destinos, três desterradas de um tempo que não sabemos de onde vem, represadas na moral da submissão feminina à margem da emoção do mundo que espreita do outro lado da porta, presas em afazeres arraigados às expectativas sociais, Evelina (**Natascha Falcão**) a bordadeira, Gilda (**Priscila Danny**) a rimeira, Flornela (**Marina Duarte**) a receitista.

A transposição teatral de **Moncho Rodriguez** atua no sentido de criar uma simbiose entre o texto de **Mia Couto** e a criação cênica em ritmo compassado, transmutando-se dramaturgia e direção permanentemente, seja na formatação física ou nas opções narrativas. A obra matriz de **Mia Couto** se desdobra em diversas camadas de possibilidades, em que o diretor capta a força de sua essência, seja no impacto visual desde a primeira imagem que recebemos com uma luz que paulatinamente vai revelando vultos desformes, desenhos imperfeitos, cores que chocam-se em cena, configurando-se em 3 espectros humanos que deixa-nos a princípio inquietos com o formato cadavérico, assim como pelo poder da palavra que ecoa no ditar dos ritmos dramáticos, embalados na trilha sonora de Narciso Fernandes que veste as locuções proferidas de almas penadas que vagam num espaço físico delimitado por uma autoridade patriarcal.

O trabalho cênico de **Moncho Rodriguez** caminha para uma representação que impede um olhar dissociado dos distintos elementos teatrais. Tudo anda junto e cada intervenção se apoia mutuamente em outro elemento gerando um encadeamento harmônico, seja pela opção da utilização de máscaras, nos figurinos, nos objetos cenográficos, na luz que banha as formas vivas e imateriais, nas interpretações e no esteio que o texto de **Mia Couto** proporciona. O resultado final condensa a capacidade dramática como numa caixa que ao abrirmos com nosso olhar de espectador sentimos o expelir ardente do desespero de vidas roubadas, embebendo o canto emanado na intensidade de cada palavra, possibilitando a amplitude dos sentidos na particularidade de como cada personagem se constrói.

Natascha Falcão, Priscila Danny e Marina Duarte realizam um excelente trabalho de atuação, tanto do ponto de vista de suas individualidades como atrizes/personagens, como no plano coletivo. Se utilizam com vigor do componente corporal e um trabalho vocal potente, que mesmo quando da utilização de máscaras não as tolhe da eloquência expressiva, ao contrário, utilizam-se com precisão de mais um recurso cênico, permitindo mesmo alcançar-lhes a alma

sob a mortalha e dando vazão para a eloquência de sentimentos represados em seus aspectos virginais diante do mundo, para os amores e paixões, formando 3 pilares na concepção do universo particular esquadrihado pelo pai, um coronel que da pretensa altivez do seu trono controla suas “propriedades”, cada qual com uma função específica de lhe acolher a saudade, o frio e a fome. **Natascha Falcão, Priscila Danny e Marina Duarte** tem a capacidade de preencher com precisão todos os espaços, tanto o físico, quando os das camadas ocultas na dramaturgia, contribuindo para ampliar uma variante de leituras e compreensões de vidas tão complexas fechadas em si.

Infelizmente a temporada ruma para sua fase final. “**Lua de Há Muitos Sóis**” não é necessariamente palatável para todos os gostos, mas quem se permitir seduzir pelo poder da palavra, aliada com uma capacidade estética abarcada, sairá inevitavelmente revolido em seus próprios sentimentos, afinal, como diz **Mia Couto**, “*O fruto se sabe maduro pela mão de quem o apanha*”.

Artisticamente falando, um dos mais impactantes espetáculos do ano na cena teatral carioca!